

O PODER SIMBÓLICO E A PRODUÇÃO DE GRUPOS, REPENSANDO A DIMENSÃO DE CLASSES COM BOURDIEU

Prof. Me. Rodrigo Dalosto Smolareck¹

Atentando para os estudos no campo do poder simbólico fica evidente, numa reflexão inicial, que o este poder se caracteriza pela sua invisibilidade e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele, constituindo uma rede tecida e velada, absorvida num dado contexto social podemos buscar uma compreensão deste fenômeno (BOURDIEU, 2010).

Neste sentido, concebe-se que a tradição neo-kantiana trata os universos simbólicos (arte, religião, língua, ciência, entre outras dimensões) como instrumentos de conhecimento e construção do mundo. Durkheim in Bourdieu (2010) avança e considera essas formas simbólicas como arbitrarias e socialmente determinadas. Ainda segundo Bourdieu (2010), os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante (conhecer o mundo), na medida em que são também estruturados, e decorrem da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para constituir um determinado consenso, muitas vezes de um determinismo perfilado pela dominação.

Assim, as relações de comunicação são, “de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (BOURDIEU, 2010, p.11). O que ocorre é uma relação de luta, principalmente, simbólica que as diferentes classes traçam envolvendo-se numa espécie de rede de imposições, buscando uma definição do mundo social conforme seus interesses.

Os sistemas simbólicos diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. E a autonomia de determinado campo constitui-se na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos se desenvolve. O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer (...) só se exerce se for reconhecido. (BOURDIEU, 2010, p. 14).

E parafraseando esta lógica que, o poder simbólico é uma forma transformada e legitimada de outras formas de poder. Bourdieu (2010) também nega a confusão entre os termos rigidez (contrário da inteligência) e rigor

¹ Pedagogo\ Psicopedagogo\ Especialista em áreas Educacionais\ Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Professor convidado em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, e-mail: rodrigo.dialogos@gmail.com Endereço: <http://lattes.cnpq.br/2148572970665167>

(medida de disciplina), é na segunda que a pesquisa deve se apoiar. E que a construção do objeto de pesquisa não se realiza de um momento para outro, mas é um exercício que necessita uma teorização prévia e de uma observação prolongada, impregnada de signos e significados.

Por esta via, a construção de um objeto de pesquisa deve funcionar como um sinal que lembra o que fazer e saber para guiar a investigação, levando em conta o trajeto, muitas vezes consagrado do poder simbólico. Além disso, os objetos de pesquisa são realidades que atraem a atenção do investigador por serem realidades notadas diante de representações sociais tecidas a partir de um poder simbólico velado. Bourdieu (2010) também considera que há desafios ao se desenvolver as estratégias das pesquisas, uma vez que temos que “lidar” com a “estratégia pensada extensivamente no conjunto de elementos” e outra estratégia na “intensivamente um fragmento limitado” o que propõe a este trabalho de teor acadêmico, buscar um entendimento efetivo do percurso da violência escolar, atentando para as “redes de atenção intersetoriais” que dizem coibir e ou até prevenir este fenômeno social.

O autor verifica que os limites de um determinado campo podem ser vistos nos seus efeitos, isto é, um sujeito pertence a um determinado campo na medida em que sofre efeitos ou nele os produz. O proveito que retira de delimitar o campo de investigação científica é delinear grandes linhas de força do espaço cuja pressão se exerce sobre o ponto considerado, neste sentido, a dimensão do poder simbólico empregado na dinâmica da violência escolar. Assim, é entendido que construir um objeto científico é romper com o senso comum, ou seja, de desligar-se das representações comuns e das noções pré-construídas (MINAYO, 2001).

Segundo Bourdieu (2010), as ciências sociais, em geral, estão expostas a receber uma série de “problemas legitimados pela sociedade”, e dignos de serem discutidos e estudados, assim, mas muitas vezes o pesquisador torna-se objeto do objeto pesquisado na medida em que fica preso a uma estrutura de pensamento, “(...) fica condenado a ser apenas instrumento daquilo que ele quer pensar” (BOURDIEU, 2010, p. 36). Partindo desta sábia observação do autor em xeque, para reconhecer os problemas públicos e oficiais, é necessário antes percorrer uma história social da emergência destes problemas, isto é, a

constituição progressiva deste problema para se tornar um problema a ser pensado e fazer se reconhecer. Para Bourdieu (2010, 46):

Atribuímos como faz o funcionalismo aos efeitos da dominação a uma vontade única e central, ficamos impossibilitados de apreender outras formas de pensar o contexto a partir dos agentes do exercício da dominação isto pela relação que se estabelece entre as atitudes que são ligadas às condições sociais de produção.

Partindo da conjuntura sociológica, todo sociólogo deve ter atenção para não incorrer ao perigo de substituir a doxa do senso comum pela doxa do senso comum da Ciência, o que faz, por vezes, o pesquisador, atribuir em nome da Ciência uma transcrição do discurso do senso comum. Bourdieu (2010) acredita que este tipo de atitude favorece a um tipo de “conservadorismo estrutural” que leva a reproduzir a “doxa científica”. Entretanto, o senso comum ou o pré-construído tem sua força na medida em que ele se apresenta como uma aparência da evidência, mas sem dúvida, a “conversão do olhar”, desta forma suspensas as noções e construções aplicadas na “ lógica da evidência” é romper com este modo de pensamento estruturado e fixo em face a uma realidade mutante.

Fica notório que a pesquisa em ciências humanas evoluindo por esta corrente epistemológica será eminentemente complexa, pois ela exige instrumentos de construção da realidade, conceitos, métodos e uma atitude crítica com tendência a trabalhar com estes instrumentos. O que pode-se considerar é que o ser social é aquilo que uma vez foi e que ficou inscrito não só na história, mas nas coisas e nos corpos (MINAYO, 2001). Portanto, a imagem de de possibilidades infinitas, dissimula que cada uma de nossas opções contribui para restringir o universo de opções no que tange a entender o poder simbólico atravessado na teia social. À medida que a história avança, possibilidades tornam-se cada vez mais improváveis, exigindo um olhar dinâmico, pois a passagem à investigação do poder simbólico numa dada realidade suporia a desconstrução de lógicas previamente construídas e consagradas.

Neste sentido, qualquer experiência estética guiada por uma norma não histórica exige cautela no campo investigativo, a pesquisa em efetividade só pode ser apreendida mediante uma análise, propriamente, histórica capaz de explicar a

¹ Pedagogo\ Psicopedagogo\ Especialista em áreas Educacionais\ Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Professor convidado em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, e-mail: rodrigo.dialogos@gmail.com Endereço: <http://lattes.cnpq.br/2148572970665167>

sua natureza e sua aparência de universalidade que ela oferece.

A experiência estética da obra dotada de sentido e de valor é um efeito de concordância entre duas faces da mesma instituição histórica, o *habitus* culto e o campo artístico, que se fundem mutuamente: dado a obra de arte só existe enquanto tal (...) se for apreendida por espectadores dotados de atitude e competência estéticas tacitamente exigidas (BOURDIEU, 2010, P. 286).

Bourdieu (2010) enquanto pesquisador oportuniza uma valiosa ideia no que se refere a problematização da pesquisa no campo do poder simbólico, revela que antes de buscar uma resposta ontológica ao problema, deve-se descrever a emergência das condições sociais que permitem o desenvolvimento do pesquisador e conseqüentemente da autonomia do campo delimitado para a investigação. Referendando ainda que um dos elementos que acompanham o surgimento de um campo de produção é a elaboração de uma linguagem específica que dê conta do trabalho de nomear as especificidades da área objeto estudado.

[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização (BOURDIEU, 2010, p. 14).

Percebe-se no trabalho em pesquisa com as concepções epistemológicas de Bourdieu (2010) que os argumentos, teorias, análises e posicionamentos sociológicos reusa qualquer menção a restrição da instrumentalização da pesquisa, o método bourdieusiano, ao contrário, se projeta como um programa estruturado de análise do fenômeno real compromissado com a dissolução dos poderes simbólicos, buscando contribuir com a constituição de um processo de pesquisa genuíno que atenda a complexidade da investigação e de ser perfil ético.

Evoluindo por esta linha de pesquisa acadêmica fica evidente que é preciso compreender-se, *a priori*, que os empreendimentos teóricos que discutem o contexto educacional estão amparados em uma trama complexa de saberes, de modo que o desenvolvimento de uma compreensão aprofundada do processo educativo e dos poderes simbólicos que por ele permeiam, está diretamente relacionado à emergência de novas teorizações do fenômeno social.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS:

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹ Pedagogo\ Psicopedagogo\ Especialista em áreas Educacionais\ Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Professor convidado em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, e-mail: rodrigo.dialogos@gmail.com Endereço: <http://lattes.cnpq.br/2148572970665167>